

EFEITO DE EXPLORAÇÃO E TRATOS SILVICULTURAIS NA POPULAÇÃO DE *RINOREA GUIANENSIS* AUBL. NA FLORESTA NACIONAL DO TAPAJÓS. Soares, M. H. M.¹; Francez, L. M. de B.²; Quanz, B.³; Hirai, E. H.⁴; Pinheiro, K. A. O.¹; Carvalho, J. O. P.⁵. ¹Engenheiro Florestal, Mestrando – UFRA; ²Estudante de Engenharia Florestal – UFRA, Estagiária da Embrapa Amazônia Oriental, Bolsista PIBIC/CNPq/UFRA; ³Estudante de Engenharia Florestal - UFRA, Bolsista Embrapa/CNPq; ⁴Estudante de Engenharia Ambiental - UEPA, Estagiária Embrapa/UEPA; ⁵Engenheiro Florestal Ph.D., Embrapa Amazônia Oriental. (mhofmann@bol.com.br).

A população de *Rinorea guianensis* Aubl., considerando árvores com DAP (diâmetro a 1,30m do solo) igual ou superior a 5cm, foi analisada em 48 parcelas de 0,25ha na Floresta Nacional do Tapajós. Foram considerados quatro tratamentos: T1– corte de árvores com $DAP \geq 45$ cm; T2– corte de árvores com $DAP \geq 55$ cm, mais tratos silviculturais para reduzir a área basal da floresta a 30% da original; T3– corte de árvores com $DAP \geq 55$ cm, mais tratos para reduzir a área basal a 50%; e T4– corte de árvores com $DAP \geq 55$ cm, mais tratos para reduzir a área basal a 70%. O número de indivíduos de *Rinorea guianensis* sofreu redução nos quatro tratamentos, nos quinze anos de estudo (1981-1995). Houve diferenças entre os tratamentos. Por exemplo, no T1 o número de árvores sofreu redução maior do que nos demais tratamentos entre a primeira medição (1981) e a segunda (1983), provavelmente porque a exploração, realizada em 1982, foi mais intensiva no T1. Apesar da espécie não ter sido colhida, suas árvores sofreram danos e muitas morreram, principalmente por serem de pequeno e médio portes, portanto mais susceptíveis à quebra. Na medição seguinte (1989), o T1 continuou apresentando maior redução, ainda provavelmente como consequência da exploração. Na última observação (1995), a redução no T1 foi bem menor do que nos outros tratamentos, invertendo a situação anterior. A explicação pode estar no fato de que a população foi restabelecendo sua estrutura com o gradativo fechamento do dossel. Em 1994 foram realizados os tratos silviculturais (anelamento/envenenamento) no T2, T3 e T4, reduzindo a população da espécie, devido aos danos, considerando que a mesma não foi anelada. No T4, onde os tratos foram mais intensivos, causando maior abertura, proporcionando maior entrada de luz e causando maiores danos, principalmente por quebra de árvores, a redução foi maior. (Pesquisa desenvolvida pela Embrapa Amazônia Oriental).